



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

Cocainismo e cocainofobia: lições da
história da psicanálise para a
clínica das adicções

www.voxinstituto.com.br

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições¹

Rodrigo Alencar

Esse texto faz uma discussão sobre como o tema das drogas se insere dentro da história da psicanálise e suas possíveis consequências para a abordagem do tema na atualidade. Ao longo da discussão buscamos apontar como o desenvolvimento da teoria das pulsões podem atualizar a prática psicanalítica de modo a se desvencilhar do ranço moral que pode atrapalhar o enfrentamento dessa questão.

Freud e a polêmica da cocaína

A história entre Freud e a cocaína precede brevemente a gênese das ideias psicanalíticas. Sua aposta nesse “fármaco milagroso” (ano) é marcada pela ambição do jovem neurologista em se fazer reconhecido como descobridor das potencialidades farmacológicas dessa substância. Sua empreitada rendeu relativa fama dentro da comunidade acadêmica. Assim como o envolvimento de sua figura em uma polêmica que trouxe certo impacto à sua reputação.

O interesse de Freud — inserido na profusão de milagres farmacêuticos que marcou a passagem do século XIX para o século XX — borrou uma linha que, posteriormente, foi alvo de seus esforços na tentativa de separar sua vida privada de sua carreira profissional. Isso porque, no artigo “Sobre a coca” (1884/2004), um jovem Freud apresentava as vantagens do uso medicamentoso da cocaína em um tom de enaltecimento hoje reconhecido como exacerbado, além de referenciar no próprio artigo um experimento controlado no qual a substância fora aplicada em si mesmo. Na época ainda não havia proibição internacional acerca do uso da cocaína, e as restrições acerca do ópio eram feitas em territórios específicos.

A argumentação pela qual Freud opera, posicionando a cocaína em um lugar de panaceia, obteve um forte lastro social em um contexto de profusão do desenvolvimento

¹ Texto retirado e adaptado a partir da Tese de Doutorado “A fome da alma: psicanálise, drogas e pulsão na modernidade”, com a finalidade de apresentação no Instituto Vox: Diversidades analíticas no dia 13 de agosto de 2016.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

industrial e de tecnologias voltadas para uma dimensão mais utilitária da atividade humana. Um medicamento eficaz em vencer o cansaço, a indisposição, a fome, o sono e a possibilidade de sustentar um ânimo inabalável diante das possíveis adversidades da vida moderna parecia uma solução extremamente promissora. O jovem Freud apresentara uma proposta que parecia ser bem adequada ao capitalismo do final do século XIX, sua proposta de uso para a cocaína foi engendrada pela comunhão entre desenvolvimento científico e interesses comerciais, mas essa articulação não estava isolada de um outro movimento que começava a ganhar espaço dentro do ambiente acadêmico: a regulação moral e a ânsia por controle de hábitos frente à uma precarização dos recursos simbólicos no âmbito circunscrito a médicos e pacientes.

No campo da história do uso de drogas, encontramos discussões acerca de quais as motivações de proibição de determinadas substâncias enquanto produzia-se e propagavam-se outras em larga escala, um dos posicionamentos que consideramos válidos sobre esse processo é o de Henrique Carneiro que aponta como as substâncias que se adequam a uma vida mais extensa passam a ser mais valorizadas em detrimento das que propiciam uma intensidade da experiência. Segundo Carneiro (2008), isso ocorre em função do trabalho fabril e da necessidade dos indivíduos terem uma maior durabilidade nas linhas de produção. Além desse fator, outros também podem ser elencados como interesses econômicos e disputas de mercado dentre produtores e seus lobbies em políticas de estado. No Brasil, a diferença entre o poder da indústria do tabaco e do álcool servem de exemplo para ilustrar essas forças. Enquanto impõem-se restrições ao comércio de tabaco, a indústria de bebidas alcoólicas goza de relativo prestígio com uma frouxa regulamentação de suas atividades.

Ao considerarmos não podemos negar que há uma divergência de discursos entre a propaganda farmacêutica e as restrições médicas a respeito de diversas substâncias de modo que, a partir da discursividade médica, há todo um problema em torno da regulação e controle da dosagem utilizadas pelos pacientes (COURTWRIGHT, 1952/2002); e já pela discursividade própria à indústria farmacêutica enquanto modelo de negócio, a promoção de substâncias costuma recorrer à imagem da panaceia ou de pílulas milagrosas (ESCOHOTADO, 1989/1998). Tal divergência teve, por vezes, entrecruzamentos delicados, momentos nos quais se busca um alinhamento discursivo entre indústria e saber técnico. Merck, o fundador do laboratório que leva seu próprio nome, chegou a escrever um artigo

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

propagandístico enaltecendo e exagerando os benefícios elencados por Freud. Nesse artigo Merck afirmava que, graças à cocaína, seria possível prescindir das instituições para alcoolistas e chegar a uma cura radical em dez dias (ESCOHOTADO, 1989/1998). Logo em seguida, o laboratório Parker & Co. também utilizou o nome e o artigo de Freud, citando-o em uma propaganda.

O início da psicanálise foi contemporâneo ao da profusão de milagres farmacêuticos. No mesmo período em que Freud desenvolvera a cura pela fala, ao receitar fármacos, médicos evitavam fornecer informações detalhadas aos pacientes e, por diversas vezes, dispndiam grande parte de suas consultas advertindo os pacientes sobre os riscos de abuso de substâncias, mesmo que fosse café ou álcool. Uma expressão destacada por Courtwright (1952) sobre esse período demonstra como os médicos se referiam aos pacientes, chamando os de *damn fools*². Tais expressões eram dedicadas aos pacientes que cediam aos excessos, não respeitavam a dosagem recomendada e, por vezes — ao imaginar que as medicações fossem inofensivas —, passavam a ingeri-las como se fossem amendoins.

É em meio a esse contexto que o químico Emil Erlenmeyer acusa Freud de ser defensor do terceiro flagelo da humanidade³. Ele e o farmacólogo Louis Lewin passaram a publicar artigos defendendo punição para quem veiculasse e propagandearse determinadas substâncias de maneira que pudesse ser considerada irresponsável. E já no início do século XX a cocaína seria regulada e posteriormente proibida nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Erlenmeyer e Lewin, são os primeiros acadêmicos a apontar uma substância enquanto uma entidade maléfica. O uso ordinário de cunho pejorativo do termo ‘droga’ como o conhecemos, foi cunhado pela primeira vez por esses dois autores (Escotado, 1989/1998). Esse fato nos traz um panorama curioso no qual o início do discurso proibicionista dentro do ambiente acadêmico surge de alguém que estava em debate com Freud, ou seja, Freud presenciara de perto o início de uma cultura proibicionista.

Nos anos seguintes à publicação de “sobre a coca” e duas décadas antes de sua proibição, Freud protagonizou um episódio dramático ao tratar seu colega de trabalho e amigo Ernst Von Fleischl-Marxow, figura admirada por Freud e referenciada em suas cartas à Marta (Cesarotto, 1989). Após um acidente em um procedimento de autópsia, Fleischl sofre de uma

² “Malditos tolos”, em tradução nossa.

³ O primeiro seria o álcool e o segundo o ópio.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

infecção decorrente de um corte que faz no próprio polegar; as dores decorrentes da infecção e o agravamento do quadro de Fleischl fazem-no dependente de morfina. Freud é indicado para tratá-lo e, numa ação convicta e condizente com o que escrevera seu artigo “Sobre a coca” (1884), passa a ministrar cocaína em Fleischl, de modo que pouco a pouco o paciente substitui a morfina pela cocaína enquanto seu objeto privilegiado de adicção. Fleischl morre por decorrências de complicações da infecção, sendo fato reconhecido que a cocaína teria contribuído para uma aceleração da piora do quadro clínico do paciente.

Posteriormente, em uma resposta às críticas de Erlenmeyer sobre a cocaína, o futuro pai da psicanálise alegou que os problemas de cocainismo constatados por Erlenmeyer decorriam de erros no cálculo da quantidade ministrada. No mesmo artigo Freud atribuirá o “envenenamento cocaínico” — caracterizado por pulso acelerado, delírio, insônia — como conseqüências de uso excessivo, mais comum nas injeções subcutâneas, método que Freud recomenda abandonar, substituindo-o pela absorção via mucosa nasal (FREUD, 1887/1989)⁴. Ainda nesse artigo, Freud tece dois comentários indiretos sobre Fleischl: no primeiro, diz que seu fracasso se deu por tentar “exorcizar o diabo por intermédio de Belzebu”; e, no segundo, tece o argumento de que, “em todos os casos de adicção da cocaína e da deterioração conseqüente, tratavam-se de morfinômanos, pessoas que, nas garras do demônio, tinham a vontade tão debilitada que desperdiçaram qualquer estimulante que pudesse ajuda-los” (FREUD, 1887/1989, p. 110). Já nesse caso, Freud dava indícios de uma barreira que seria fundamental na sua formulação a respeito da pulsão de morte e no problema da repetição: aqui nos referimos à força de vontade em direção à cura — barreira que Freud abordou três décadas depois no texto “além do princípio do prazer” (ano).

Desde a sua aposta na cocaína até o debate permeado de questões morais que se sucede, Freud se vê no centro de um contexto que o mesmo revelaria mais tarde como embaraçoso, do qual teria pressa em se livrar (GAY, 1989). Este breve episódio insere Freud no conjunto de médicos já citados acima, a saber: os que tinham sérias dificuldades com a forma com que os pacientes se automedicavam. Também é curioso que Freud, ainda que conhecido por transmitir grandes lições psicanalíticas por meio dos fracassos clínicos — o que é uma verdadeira marca de sua obra —, teve na cocaína e no caso Fleischl um episódio

⁴ Um dos itens apontados por Courtwright como parte da revolução psicoativa: a medicação hipodérmica.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

tabu, inclusive para a sua biografia. Já sobre o seu próprio uso de cocaína, Freud o fez de maneira regular, de modo que encontramos esses registros em cartas até a publicação de “A interpretação dos sonhos” (ano).

As drogas na teoria psicanalítica: um debate à margem do desenvolvimento teórico

Mesmo para os discípulos diretos de Freud, a abordagem das toxicomanias não foi isenta de ataques e problemas dentro da comunidade científica. Se Freud teve Erlenmeyer como algoz e fiscalizador moral de suas pesquisas. Ferenczi também foi inquirido acerca de sua responsabilidade médica por ninguém menos que Bleuler, interlocutor direto de figuras como Freud e Jung.

O que Ferenczi apontará a respeito do alcoolismo e do uso de drogas é que o uso dessas substâncias não compõe a causa, mas consequências de um conflito psíquico. No caso de alcoolismo descrito por Ferenczi, o ciúme alcóolico surgia mediante o conflito do apaixonamento homossexual contra a sua sexualidade heterossexual. Tal conflito só era passível de vir à tona enquanto ciúme, por isso o alcoolismo surge apenas quando o indivíduo está casado — de modo que, estando solteiro, não haveria montagem necessária para sua eclosão.

A afirmação de que as drogas são consequências e não causa dos problemas; e, mais, de que na medida em que o comportamento adicto dá trégua, a neurose de angústia emerge com força, atrapalhando a vida social do sujeito por outras vias (Ferenczi, 1911/2008), trouxe problemas ao psicanalista húngaro. Em outro artigo, Ferenczi irá responder às críticas de Bleuler⁵, que o acusara de promover o alcoolismo por meio de seu entendimento exposto no caso clínico. Ferenczi responde à Bleuler com uma linha de raciocínio semelhante à utilizada por Freud na resposta à Erlenmeyer. Assim como Freud (1887/1989) abordou o cocainismo e a cocainofobia, Ferenczi (1912/2008, p.84) irá apontar que “o antialcóolico é um neurótico que se autoriza a viver sua libido, mas somente ao preço de um sacrifício da mesma natureza [renúncia ao álcool]”. O comentário de Ferenczi estabelece uma curiosa relação com um dado

⁵ Paul Eugen Bleuler

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

biográfico de Freud: este, quando ainda noivo de Martha Bernays, lhe pediu para que bordasse a frase “na dúvida, se abstenha”. O lema de Santo Agostinho estivera pendurado na parede de seu quarto, em sua residência estudantil em Viena. Ele chegara a escrever para Marta: “fumar é indispensável se não se tem nada para beijar” (Gay, 1989, p. 53). O que parece estar em jogo aqui é a substituição de satisfações entre drogas e sexo, assim como a abstinência de um levaria ao excesso de outro.

A crítica de Ferenczi a Bleuler aponta para uma possível compensação libidinal, de modo que a abstinência não se apresenta como verdadeira solução em nenhum dos casos. Ferenczi também aponta como o álcool, no caso do marido de sua governanta, prejudicaria a função sublimatória no psiquismo — posição da qual discordamos, por dar a entender que a droga turbinaria um inconsciente sem mediação da lei, quando nossa posição consiste justamente em apontar como nas adições, temos uma versão da lei comumente mais severa: tão severa a ponto de não permitir que aquele que se droga ceda espaço a outras atividades.

A ideia de prejuízo das capacidades sublimatórias perdura na obra de outros psicanalistas contemporâneos à Freud, como Abraham, Simmel e Glover. Dentre esses, Abraham se destaca com sua forte carga moral acerca das aproximações entre alcoolismo e homossexualidade, ao apontar como os homens tocam uns aos outros de modo despreocupado dentro dos bares. Nesse trabalho, não parece haver uma diferenciação entre homossexualidade na estrutura edípica e identidade homossexual. Também é merecedor de destaque, como o início da abordagem psicanalítica das drogas detém sua base num suposto antagonismo entre uso de substâncias e moral social. Sendo o primeiro um fator debilitante para o segundo.

Também nestes trabalhos, podemos testemunhar a grande bússola da cura utilizada na época: a sexualidade genital. Por essa perspectiva, a fixação na oralidade participa como um grande impeditivo para que se abandone o prazer oral em privilégio do genital. A partir daí uma solução aventada por Simmel, seria agir como uma mãe amorosa e tolerante, de modo que a fixação oral fosse elaborada e a necessidade de uso crônico ou abusivo deixasse de existir.

Apesar desses trabalhos, os artigos e discussões a respeito do uso de drogas sempre ocuparam um lugar marginal na teoria psicanalítica. Isso porque as discussões e esforços teóricos sobre esse problema nunca retornaram para a teoria psicanalítica algo que provocasse

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

o seu desenvolvimento. Diferente das discussões acerca da psicose e da psicanálise com crianças, as adições são enfrentadas pela psicanálise com um certo rearranjo teórico que nos traz discussões interessantes, mas não interroga a teoria estabelecida.

Outro aspecto curioso é como a sexualidade, trabalhada no centro da teoria psicanalítica, possibilitou um certo movimento dentro da política, a ideia de moral sexual, o problema da hipocrisia, a questão da sexualidade na educação das crianças. Todos esses debates foram impulsionados pelo trabalho de Freud, sendo alguns deles conduzidos e propostos pelo próprio Freud. Isso não ocorreu em relação às drogas, temos alguns poucos movimentos nessa direção, como o trabalho de Melman na França, e suas interrogações acerca da proibição.

Tratar as drogas enquanto dispositivo antissocial foi algo muito pouco questionado no seio da comunidade analítica. A prova é que no contexto laciano há uma certa reprodução do discurso dos pós freudianos com roupagem atualizada, não seria mais uma satisfação regredida, mas um gozo autístico.

Algo nos indica que o recuo prematuro de Freud diante deste problema produziu uma certa resistência ao longo da história. Agora nos fica enquanto possibilidade nos servir dos avanços teóricos presentes em alguns conceitos psicanalíticos para pensar no que este problema nos interroga em nossa prática clínica e nossa relação com a teoria.

Lacan, as drogas e o problema da castração

Antes de adentrarmos na leitura laciana do problema das adições, abordemos a dimensão simbólica na qual algumas substâncias se encontram circunscritas atualmente. Para isso, abordamos como a transgressão opera não só no jogo com o ilícito, mas com o que é discursivamente demonizado.

Como poderíamos situar o efeito de campanhas anti-drogas no sujeito? No trabalho de Eduardo Leite (2005), onde os discursos das campanhas de proibição são analisados, fica evidente que o propósito de evitar o contato das pessoas com as substâncias produz seu efeito

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

reverso, inscrevendo sobre a droga um estatuto simbólico de antiobjeto, ou seja, um objeto para a morte. Nas palavras do autor:

quando uma proibição é sustentada com o recurso da demonização, tanto há acomodação imaginária do proibido, para aqueles que já o aceitam e recebem uma confirmação, como também, ao mesmo tempo e contrariamente, para outros, constituem melhores condições de consistência imaginária da crença de que a quebra do proibido em questão reserva uma cota maior de gozo que equivaleria à superação do interdito. (Leite, 2005, p. 95).

Em suma, quando pensamos sobre as possibilidades de tratamento de pessoas que possuem problemas com o uso de drogas ilícitas, inevitavelmente teremos de considerar o lugar da transgressão nesse discurso. Assim como uma escuta apurada não pode negar a possibilidade de que a transgressão venha a operar enquanto demanda de amor⁶. Um dos exemplos mais nítidos que podemos obter disto é o do adolescente que, *sem querer*, deixa dezenas de pistas que conduzam os pais à constatação de que ele usa uma substância ilícita. Nessas circunstâncias, todo o preconceito e restrições morais sobre as drogas são usados como invólucros de um apelo afetivo, como se estes fossem o envelope de uma mensagem que requisita algo que não pode ser dito pela via da consciência.

O ponto problemático dessa acomodação ao proibido reside na dificuldade de atualização do objeto desejado como representação de si. Pois, ao retornarmos ao maior referencial do termo ‘erotismo’ utilizado por Freud — *O banquete* (Platão) —, Sócrates aborda a falta na dimensão do ser, apontando como essa falta pode ser vivenciada em relação com a incerteza do futuro. Desse modo mesmo que se tenha algo no presente, é possível desejar “no futuro o que está comigo agora” (Platão, p. 87). Ou seja, o solo simbólico a partir do qual se institui o desejo requer uma passagem para um futuro possível. O tensionamento em torno da moralidade que cerca o tema das drogas mostra o quanto qualquer possibilidade de futuro só pode ser apresentada caso o sujeito se comprometa com a abstinência.

⁶ destacamos que fazemos referência à possibilidade, e não o enquadramento de tal movimento enquanto universal

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Tacitamente, nega-se o desejo em função da resistência de que o usuário opte por continuar fazendo uso de sua substância.

O aspecto trágico do que abordamos aqui é que a carga de reprovação sobre um usuário de drogas pode ser tão forte que, para o mesmo, a questão de futuro não encontre qualquer validação social. Consequentemente, considerarmos essa fantasia de ultrapassagem do interdito como suposto acesso ao objeto em si é um perigoso falseamento para o sujeito, pois não há objeto em si, o que faz com que essa operação claudique para o pior. Como exemplo, citemos a campanha “O crack causa dependência e mata” (Brasil, 2010), eis aí a verdade de um objeto para o qual estaria impedido o relançamento do desejo. Por conseguinte, pensamos que — pela via da compreensão da droga enquanto atribuidora de um objeto identitário — se faz necessário que esse sentido tão duro, possa, por vezes, ser atualizado.

A circunscrição simbólica das substâncias ilícitas, inclusive nas campanhas antidrogas, produzem efeitos iatrogênicos nos usuários. Porém não só o estatuto legal de uma substância pode trazer esses efeitos, como algumas outras leituras nas quais as drogas encarnariam alguma espécie de mal, variando de acordo com o regime discursivo.

Também o campo de debate entre psicanalistas lacanianos parece não estar isento de alguns equívocos no que diz respeito às drogas. É comum, na teorização laciana, a redução do desenvolvimento científico moderno ao papel desempenhado pela pesquisa científica com finalidade comercial ou militar⁷. Isso seria confundir as múltiplas finalidades da pesquisa científica de diversas áreas com os propósitos sociais aos quais são reduzidas pela via do mercado. Sendo assim, percebemos que há uma moralidade implícita no saber psicanalítico que pode ser contraproducente na abordagem dessa questão.

Essa moralidade passa por uma associação sobre como um estado de sideração produzido graças a subterfúgios tecnológicos⁸ — nesse caso, as drogas — poderia privar o sujeito de uma posição fálica. A argumentação desenvolvida na tese de Santiago (2001) deixa explícita essa associação. O autor tece a compreensão laciana do problema da seguinte maneira: “No fundo, o que se aprende como específico do ato toxicomaniaco é o fenômeno da

⁷ Nos referimos ao uso de descobertas no campo da pesquisa bélica e sua conversão em bens domésticos.

⁸ Aqui podem ser inseridos outros objetos que na psicanálise laciana são referidos como *gadgets*.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

busca de uma ruptura fundamental com o gozo decorrente dessa parceria estrutural para todo sujeito neurótico — a parceria fálica” (Santiago, 2001, p. 167). Mais adiante ele apresentará a colagem entre o papel da ciência e as adições em nossa sociedade, segundo seu texto:

O sintoma contemporâneo da segregação irrompe, assim, pela injunção inevitável d’A ciência, nesse processo de universalização, visto que, desde sua emergência, ela opera como um verdadeiro saber “absoluto”, que ambiciona atingir as mais diversas formas de discurso. Ela é vista, portanto, como agente dessa universalização, que suprime as diferenças e particularidades – e, evidentemente, nesse contexto torna-se importante considerar aquelas que condicionam (...) as diversas ancoragens locais gozosas. (...) Destituído de qualquer referência em que se possa fiar, o marcante dos estilos de vida contemporâneos é o seu enclausuramento nessas ancoragens, frequentemente vistas como formas extraviadas e segregadas, uma vez que, em muitos casos, buscam resistir à imposição desse Outro que ainda resta. Em suma, é isso que explica a evocação de que o toxicômano é um objetor de consciência ao gozo universalizado da civilização. (SANTIAGO, 2001, p. 195)

De acordo com a argumentação de Santiago (2001), as toxicomanias operariam enquanto resistências ao processo de universalização promovido pelo discurso da ciência. Acreditamos que há um equívoco dentre alguns psicanalistas lacanianos de modo a superestimar a ciência e ignorar a política, abordando a segunda sempre pela via da primeira. Também consideramos equivocada a interpretação do uso crônico de drogas como posicionamento não fálico.

Compreendemos que nas adições ocorre uma espécie de jogo de cena onde se oculta a castração, elemento essencial para o exercício do desejo. Desse modo, consideramos que os efeitos de um discurso moral não afetam somente os usuários, mas também aqueles que ocupam o lugar de especialistas sobre o tema — inclusive psicanalistas. Afirmamos isso com base na forma como identificamos alguns psicanalistas opondo drogas e função fálica, principalmente baseados na fala de Lacan segundo a qual

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

é por que eu falei do casamento que eu falo disso; tudo o que permite escapar a este casamento é evidentemente bem-vindo, daí o sucesso da droga, por exemplo; não existe outra definição da droga que esta: é o que permite romper o casamento com o faz-xixi. (Lacan apud Santiago, 2001).

O termo usado por Lacan, “faz-xixi”, é uma referência ao famoso caso clínico escrito por Freud sobre o pequeno Hans (1909/1996). De acordo com Santiago (2001), a referência é utilizada pela problemática da angústia em relação ao falo, vivida pela criança que sofria com a fobia de cavalos. A criança, após viver o fascínio da descoberta do genital, associada a diversas sensações de prazer relacionado à exibição do órgão, desenvolve sua fobia enquanto recalque desse prazer e medo da castração. Ao relatar o início dos episódios fóbicos de Hans, seu pai escreve: “sem dúvida, o terreno foi preparado por uma superexcitação sexual devido à ternura da mãe de Hans” (1909, p. 29). De acordo com a menção de Lacan ao caso, há uma associação entre a angústia de castração e o uso de drogas. Essa associação é composta pela releitura que Lacan faz das funções materna e paterna — algo também apontado por Zafiropoulos na sua abordagem sobre o tema (1996) —; de modo que Lacan despontará em seu trabalho com a dimensão ameaçadora do superego materno, por meio da figura da mãe insaciável sobre seu bebê (1962-1963/2005; 1972-1973/2008). Assim, o que pode livrar a criança dessa demanda mortífera é o que Lacan chama de Nome do pai, ou seja, inscrição simbólica do desejo de um terceiro que se interpõe entre a demanda da mãe e a criança. Essa inscrição possibilitaria a operação de castração da criança de modo a circunscrever a sustentação fálica de seu desejo. Segundo psicanalistas como Santiago (2001) e Melman (1992), é essa sustentação que viria a falhar no caso do uso crônico de drogas.

O processo descrito acima nos leva a duas consequências nas quais ambas se apresentariam como leituras rebuscadas de momentos teóricos anteriores. A primeira diz respeito à observação enunciada por Lacan que pode ser rastreada enquanto uma interpretação da seguinte passagem de Freud presente no “Mal-estar na civilização” (1930/2010):

devemos a tais veículos [substâncias tóxicas] não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

sabe-se que com esse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio (...). Sabe-se igualmente que é essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano. (FREUD, 1930/2010, p. 27)

Lacan parece reinterpretar essa passagem, transpondo a “pressão da realidade” (Freud, 1930/2010, p. 27) para um entendimento a respeito de um gozo fálico (LACAN apud Santiago, 2001) — o que para nós parece um passo em falso, vindo do mais profícuo e habilidoso leitor de Freud que foi Jacques Lacan. A sua própria teoria oferece ferramentas para problematizar e avançar nessa questão, desarticulando a ideia da satisfação tóxica como fuga e podendo remeter essa satisfação ao funcionamento superegoico desenvolvido por ele mesmo, como um superego que impele ao mais-gozar.

A segunda nos remete a uma versão repaginada dos trabalhos dos pós-freudianos, — a questão da droga enquanto homossexualidade latente e enquanto recusa à posição fálica. Esse problema também foi apontado por Zafiropoulos (1996), quando este associa à questão do vício o superego materno, relacionando-o com uma posição melancólica na sua relação com o objeto.

A insistência do mesmo constructo teórico, apesar de todas as reformulações feitas por Lacan, nos leva a uma conclusão: nos deparamos com um limite teórico; portanto, podemos afirmar que, por meio dessas construções, a equação que envolve ‘rompimento com o falo + necessidade de gozo por uma via feminina = toxicomania’ fecha perfeitamente em um constructo teórico. No entanto, a realidade, ainda que precária, insiste em acontecer diferente da teoria. E aqui parece que nos deparamos com uma fronteira que nos impede de reconhecer alguns meandros do uso de drogas e, principalmente, como esse uso ocorre no contexto das ruas. Portanto, iremos abrir brechas nesse constructo para que ele possa contemplar dimensões do uso que vão além da moral presente em uma clínica que, no lugar da genitalidade dos pós-freudianos, irá situar o gozo fálico como perspectiva para a cura.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Diante dessa fronteira teremos de recorrer à antropologia para suscitarmos alguns elementos que possam compor a teoria psicanalítica de modo a interrogá-la nas suas certezas. Santiago (2001) afirma que há uma tentativa de ser infiel ao gozo fálico⁹, pois bem, a tentativa não é o sucesso; ainda que esse movimento não possa ser generalizado, ele contém uma veracidade parcial. Assim, podemos tomar, por consequência dessa afirmação, que só há essa tentativa porque o sujeito se encontra o tempo todo na impossibilidade dessa realização — ou seja, a de romper com um gozo fálico. Isso porque a associação entre drogas e prazer é cultural e discursiva.

A pesquisa de Taniele Rui denominada “Nas tramas do crack: etnografia da abjeção” (2014), por exemplo, evidencia toda uma estratificação de valoração e reconhecimento entre usuários de crack de acordo com o uso e a composição do cachimbo utilizado; Por conseguinte, nas cenas de uso de crack, os cachimbos possuem nomes, personificações e, por vezes, revelam-se como objetos que indicam status ao usuário. A antropóloga narra a seguinte cena que presenciou

entre três meninos e uma menina, todos em situação de rua e usuários da droga [crack]. Na minha frente, eles começaram a tirar sarro da menina dizendo “ela fumou naquela lata nojenta, que passa barata”. Riam muito enquanto ela, entre envergonhada e indignada, gritava pra mim com os olhos lacrimejados: “É mentira, tia, eu só fumo no cachimbo”. (Rui, 2014, p. 350)

Ao longo de seu trabalho, a pesquisadora torna explícito um código de reconhecimento entre os usuários, de modo que os que fumam na lata possuem valoração menor em relação aos que fumam no cachimbo; assim como o material do cachimbo, seja ele de madeira, durepox ou aço, transmite àqueles presentes no contexto a estratificação de respeitabilidade de seu portador — ou seja, o cachimbo, nessas cenas, opera enquanto insígnia fálica.

⁹ O que é diferente da afirmação de Lacan, que diz que a droga permite romper o casamento com o falo.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Nesse sentido, as práticas e princípios de Redução de Danos constituem um pilar importante na forma como as drogas são inscritas simbolicamente em nossa sociedade. Sua contribuição consiste em trazer para um discurso mais amplo os meandros da cultura de uso de drogas das ruas e também a desinstitucionalização da associação entre drogas e marginalidade. Esse trabalho também pode servir à psicanálise de modo a desmistificar a droga enquanto instância não fálica na vida do sujeito.

Por esta razão, a clínica psicanalítica voltada para as adições precisa poder escutar sobre as drogas, para além dos ditos familiares e das instituições sociais reguladoras. Ou seja, poder ouvir o sujeito sem precisar situar as drogas como um empecilho a ser desvencilhado ao longo do tratamento.

O entendimento do uso de drogas pela via da economia pulsional

O ‘Fort da’, jogo descrito por Freud em “Mais além do princípio do prazer” (é o que melhor nos serve para a compreensão do circuito pulsional. O jogo de alternância entre ausência e presença, insatisfação e satisfação, distância e proximidade, nos remete a um circuito bastante familiar a um usuário de drogas, tendo na substância um deslocamento da metáfora do carretel, na qual perdura um exercício de controle. Pensemos na alternância entre uso e fissura, sabiamente nomeada por Radó como transtorno farmacotímico (1933/1997): o que protagoniza o movimento das pessoas que têm problemas com drogas se insere indubitavelmente nessa dinâmica. É frequente e observável como usuários, principalmente de substâncias ilícitas, mesmo com a possibilidade de armazenar uma quantidade de substância suficiente para não precisarem sofrer com a fissura, geralmente não o fazem — de modo que uma incursão no meio da noite para comprar uma substância ilícita possa ser parte de todo jogo emocionante que há em usar uma substância ilícita.

Assim, há um jogo duplicado com o exercício do *fort-da* explicado por Freud. Em um movimento curto, alterna-se com a ausência e presença da droga; porém, esses pequenos movimentos repetidos compõem a identidade que servirá ao movimento mais longo. Neste caso, quem ocupa o lugar de objeto é o próprio indivíduo, que desaparece e aparece espaçadamente, fazendo um jogo de angústia, uma espécie de ensaio de morte perante os

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

familiares. Desse modo, um circuito com voltas menores, correspondente à satisfação, contorna outro maior, correspondente à demanda de amor.

Certa ocasião, em um atendimento clínico, um paciente narrava como para ele era prazeroso poder “fazer o corre” — termo usado para quem vai atrás da substância ilícita em um ponto de venda ilegal —, de modo que ser “o cara” que viabilizava a substância para os amigos lhe trazia uma grande sensação de respeito e pertencimento. Esse esquema também pode ser plenamente aplicável à vida amorosa, em que pessoas engajadas em uma relação buscam se afastar e se aproximar do objeto amado, numa tentativa de controlar a angústia de sua ausência.

Agora temos claro que um circuito envolve uma alternância de ânimo, algo que envolve lidar com o ter e o não ter, conviver com e conviver sem, presença que alterna com ausência. Assim, é comum nos depararmos com uma gramática amorosa, ou seja, um modo de se relacionar que se repete com diferentes pessoas e situações. Freud, por muitas vezes, cunhou uma metáfora econômica para compreender a dimensão desse movimento; sua premissa operava pela ideia de tensão e relaxamento libidinal.

Considerando esta alternância, bem como a demanda de amor sobre a qual ela dá suas voltas, retornaremos agora a algumas referências históricas da psicanálise sobre o tema; referências que nos auxiliarão no desenvolvimento de um raciocínio clínico para o problema e de alguns aspectos específicos que precisam ser elucidados para que possamos avançar. Lembremos da dinâmica presente no funcionamento do marido alcólatra que alterna o período de uso abusivo com o de abstinência, de modo que o período de uso abusivo pode funcionar como afastamento de um membro da família e, o de abstinência, como reaproximação — assim como exposto no caso clínico escrito por Ferenczi (1911/2008).

Considerando que, em um circuito maior (a relação afetiva com o objeto amoroso), exista um circuito menor (o da incidência de fissura e uso de uma substância), Freud contará ao seu amigo, Fliess, a respeito de uma intuição sobre a origem das adições naquilo que o mesmo referiu como o primeiro grande hábito, na carta de 22 de dezembro de 1897:

Despontou em mim a descoberta intuitiva de que a masturbação é o grande hábito, o “vício primário”, e de que é apenas como substitutos e sucedâneos dela que os outros

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

vícios – o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas – passam a existir. O papel desempenhado por esse vício na histeria é imenso, e talvez seja aí que se encontra, no todo ou em parte, meu grande obstáculo ainda por superar. E, nesse ponto, é claro, surge a dúvida entre saber se um vício dessa espécie é curável, ou se a análise e a terapia devem deter-se nesse ponto e contentar-se em transformar a histeria em neurastenia. (Freud apud Masson, 1986, pág. 288).

Podemos situar uma resposta a esta indagação em um artigo escrito por Ferenczi (1919/2011), onde o psicanalista húngaro aborda o problema da masturbação no tratamento da histeria. Nesse artigo, Ferenczi opta por uma intervenção clínica extremamente diretiva com a meta de impedir que uma paciente cruze as pernas enquanto está deitada no divã, para que esta não consiga pressionar as coxas para produzir atrito em seu órgão sexual e não obter uma satisfação masturbatória ao longo das sessões. Ferenczi percebe resultados efetivos, porém tímidos, de modo que o mesmo ordena que a paciente não exercite o mesmo hábito durante os dias, mesmo fora do *setting* analítico. A partir dessa intervenção o autor relata ter conquistado diversos avanços com o estado de angústia que se apoderou da paciente.

Essa solução comporta duas consequências principais: a primeira é que o hábito não é o problema em si, mas um meio de ocultá-lo; a segunda é que a abstinência da prática teria de se impor enquanto condição necessária para a condução do tratamento. Apesar de concordarmos com a primeira consequência, identificamos alguns problemas decorrentes da segunda. Ordenar a interrupção de um hábito consiste em demandar a queda de uma resistência, de modo que isso pode ter um efeito contrário, acirrando-a. Porém, não negamos que, na clínica psicanalítica — para além de cruzadas de perna, cigarros, dentre outros hábitos —, há também falas ou histórias que ocorrem de modo masturbatório, ou seja, produzem microsatisfações que sustentam uma solução de compromisso que se mantém ao fundo.

Por conseguinte, compreendemos que um hábito, para a psicanálise, é algo que pode ser considerado como pequeno circuito pulsional que opera cotidianamente e que pode, inclusive, dar sustentação a um circuito maior. A questão se insere em como fazer o circuito maior atravessar o menor, de modo que o paciente não consiga mais se fiar na ilusão de que a

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

satisfação desse circuito menor possa de fato substituir a do circuito maior¹⁰. Nesse sentido, a grande mentira neurótica a cair por terra seria a de que a masturbação pode substituir o ato que envolva um encontro com o outro, ou seja, o sexo — o que não necessariamente requer abrir mão de um hábito. Essa posição é endossada por Rabinovich (1989/2004), ao afirmar que à compulsão à repetição estrutural não é curável pela análise; no entanto, é importante diferenciar a satisfação da realização.

O aprisionamento à dinâmica de satisfação e insatisfação, sem a articulação a uma realização no campo social, indica a reclusão do movimento pulsional a um estado de mediocridade. Esse estado pode ocorrer no uso crônico de drogas ou na sustentação de um trabalho onde não há realização, mas sua sustentação se dá pura e simplesmente em função da sustentação de uma satisfação que ocorre fora dele. Um emprego que sirva somente para custear a recreação no final de semana nos serve como exemplo dessa vivência em que a pulsão se encontra recuada diante da possibilidade de uma realização. Esse é um problema que tende a operar nas classes sociais mais baixas de modo mais abrangente, visto que, na maioria das vezes, essas classes estão relegadas a trabalhos repetitivos meramente associados à condição de sobrevivência. Já nas classes mais altas, de modo menos abrangente, isso pode ser tido como evidente nos casos em que o trabalho envolva somente o dinheiro, como o jogo com ações nas bolsas de valores.

Parte do trabalho psicanalítico que nos auxilia a endossar essa posição diz respeito ao trabalho de Radó e sua dedução a respeito das equivalências entre as proporções de carga libidinal em jogo entre a fissura e o uso, sendo um compensador do outro. Essa dinâmica tende a favorecer a repetição que se restringe a uma satisfação, ignorando a possibilidade de realizações no campo social. Também condizente a essa posição é o trabalho de Victor Tausk (1915/1991) quando esse aborda o problema do alcoolismo ocupacional e a dinâmica da satisfação sobreposta à da realização.

Outro aspecto comum a este problema, presente nas classes altas, é como a dimensão da realização também pode estar minada por insígnias familiares nas quais a manutenção do *status quo* sirva de subterfúgio para uma relação que negligencie a condição do outro na condição de semelhante. O empecilho para uma elaboração psíquica nessa condição é que,

¹⁰ Alguns esquemas propostos por Lacan podem favorecer a compreensão de nossa articulação, como a banda de Moebius ou, em sua versão mais complexa, a garrafa de Klein.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

sem a figura do semelhante, do outro, o que Lacan definiu como Outro pode ter uma consistência esmagadora no sentido de se apresentar como uma moral social totalizante com pouco espaço de margem para uma ação do sujeito. Lembremos da formulação de Lacan na qual ele afirma que “o supereu é exatamente o que comecei a enunciar quando lhes disse que a vida, a vida provisória que se aposta como uma chance de vida eterna, é o *a*, mas isto só vale a pena se o *A* não estiver barrado, ou seja, se ele for tudo ao mesmo tempo” (Lacan, 1969-1970, p.104)¹¹. Portanto, quando não há essa barra no Outro a colagem entre satisfação e realização tende a encontrar sua finalidade na própria morte. Daí a importância de se cavar aberturas no discurso que circunscreve determinadas formas de satisfação.

Essa vida provisória que se aposta como uma chance de vida que produz uma marca que transcende a morte é o que chamamos de realização, considerando o discurso de Sócrates reproduzido de seu encontro com Diotima (Platão). Nesse discurso Sócrates relata como Eros está relacionado com a vida e a morte, ultrapassando a dimensão da existência para ir além da morte, seja com o trabalho ou com a reprodução.

Considerando o que foi exposto acima, interpretar o ato de se drogar cronicamente como um ato masturbatório é uma construção psicanaliticamente afinada, desde que possamos reconhecer a perspectiva freudiana de que a prática masturbatória consiste no menor caminho entre um ato e sua gratificação, o que é diferente de confundir essa gratificação com uma realização que paralise ou sature o circuito. Porém, ao adentrarmos a perspectiva lacaniana, é comum encontrarmos um pressuposto similar aos dos pós-freudianos, mas com uma roupagem nova. No lugar das reprimendas morais de tudo o que não fosse sexualidade genital — como podemos notar em alguns artigos dos pós freudianos (Abraham, 1908) — há uma reprimenda de um suposto gozo que supostamente não passe pelo Outro.

É plenamente possível que uma análise aconteça sem a exigência de abstinência. Por mais de uma ocasião um paciente me sugeriu que ele poderia fumar maconha antes de uma sessão para realizá-la; também em mais de uma ocasião um paciente alegou ter tomado cerveja antes de chegar à sessão. Não necessariamente esse relato chega no momento em que o paciente está sob efeito da substância — algo como “tomei uma cerveja e vim para cá” —,

¹¹ *a*, minúsculo e *A*, maiúsculo, são as duas formas encontradas por Lacan para transmitir a ideia de outro, semelhante e grande Outro, referencial simbólico. Neste caso, a letra ‘a’ está presente em função da grafia francesa para outro: *autre* ou *Autre*.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

pois também pode acontecer de o paciente dizer “na semana passada eu tinha bebido antes de vir à sessão e isso foi estranho”. O dado clínico nesses casos é mais a estranheza do próprio paciente em relação à experiência do que o ato de beber. Desse modo, por mais de uma vez aconteceu de eu responder que o trabalho ali independia do fato da pessoa ter usado uma droga antes da sessão ou não.

A base da prática naquele contexto consiste numa regra fundamental, que não deixa de ser uma regra consequente da chamada “regra de ouro”, que é como Freud (1912/2010) cunhou a “associação livre”. Se bebe ou fuma antes da sessão, se acabou de acordar ou de terminar um namoro, se está há três dias ou uma semana sem dormir, isso só importa no modo como entra na narrativa clínica. Isso quer dizer, independentemente do seu estado de ânimo ou ebriedade, o que é dito ali é levado em conta ali e naquele momento. Há uma marcação temporal necessária. Esclareço: não se trata de “colher material” durante um mês, enquanto o paciente está “alterado”, para somente depois processar o que veio. Isso seria equivalente à prática hipnótica e, desse modo, extremamente nocivo para uma implicação de fala.

Enquanto se fala, o inconsciente opera por meio de uma atualização, ali naquele momento. Por isso, chegando alterado ou não, o que se diz precisa ser ouvido por quem diz no âmbito de uma consideração em que não cabem desculpas ou tentativas de desimplicação — como “eu estava bêbado” ou “eu estava alterado porque usei isso ou aquilo”. Considerando que uma análise consiste na fala, para essa tarefa é preciso estar em condições para falar. Por conseguinte, a análise não consiste em um espaço sem Lei, mas num contexto onde impera uma Lei da agência entre analista e analisante. Aquele encontro ocorre por um motivo, e esse motivo se institui como a única Lei inarredável a partir da qual um analista pode se posicionar.

É a partir da clínica que interrogamos a teoria psicanalítica a respeito da questão das drogas. A questão da masturbação tem sido um tema caro à psicanálise, por não se alinhar com o ideal da sexualidade genital; no entanto, não cabe ao analista ordenar os modos de satisfação de um paciente, mas apenas interrogá-los quando estes figuram em meio às questões abordadas em tratamento.

Identificamos que há uma linha de interpretação que perdura entre pós-freudianos e lacanianos, essa linha se inicia com o ideal da sexualidade genital nos pós-freudianos e surge

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

nos lacanianos como a importância do desejo em detrimento do gozo¹². Segundo exposto em um artigo de Márcio Peter de Souza Leite (2001), por exemplo, a masturbação possibilitada pelas drogas causa um curto-circuito pulsional, pois a via de satisfação não requer as vontades e decisões de um outro; desse modo, o uso de uma substância psicoativa, dentro de uma construção simbólica associada ao prazer, traz uma satisfação de modo mais breve do que um trabalho que foi produzido ao longo de horas, meses ou anos, ou mesmo um ato sexual com alguém do qual é necessário todo um conjunto de rituais sociais para alcançar sua realização.

Tal construção, ainda que comporte nexos, detém uma mentira neurótica implícita na argumentação. Assim, de acordo com o autor, “a particularidade da droga é que ela permite obter um gozo sem passar pelo Outro, cujo exemplo principal é a masturbação. Como a cultura se constrói sobre a renúncia pulsional, então estar na cultura significa obter gozo da própria renúncia ao gozo” (Leite, 2001). Quando tomamos a pulsão enquanto parcial, já não temos mais uma ideia de renúncia pulsional, pois a renúncia já passa a se constituir enquanto um movimento pulsional em si; ou seja, quando se trata da pulsão, não há diferença entre satisfação que tenha sido renunciada ou não, mas das escolhas feitas a partir da montagem de sua fantasia. Desse modo, podemos compreender a masturbação como algo que ocupa uma gama de possibilidades entre realizações ou satisfações.

O problema de compreender a pulsão como renúncia está no fato de como essa compreensão resulta em conclusões equivocadas acerca do uso de drogas. O lugar desse equívoco é a interpretação do uso de drogas como um prazer que se conecta automaticamente a um corpo, como um atalho que termina por ludibriar o sujeito de satisfações mais complexas. Não há uso de substância que não requeira do sujeito um processo de aprendizado no que diz respeito à vivência de uma experiência dita prazerosa. Assim, o engajamento entre a alma e o tóxico requer uma trajetória de ensaio e erro para que o uso de uma substância se converta em hábito; essa trajetória não existe sem uma iniciação dentro de um discurso que circunscreve a substância. A partir deste discurso há um engajamento da circunscrição simbólica de seus efeitos em uma dinâmica particular na qual o usuário poderá formar uma composição identitária atrelada ao uso da droga.

¹² Isso corresponde a uma mudança no ensino de Lacan que ocorre entre seu seminário de (1959-1960/2008) para o seu seminário (1972-1973/2008). Em um primeiro momento, onde há gozo não há desejo; já em um momento posterior, Lacan irá articular o gozo ao desejo — visto que gozar de um sintoma é gozar por meio do inconsciente.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

O psiquiatra Gabor Mate (2010) relata em sua obra diversos casos de pacientes que estabelecem toda uma visão a respeito de si a partir de uma substância. Em um dos casos citados pelo autor, uma paciente relata como o uso da cocaína fez dela uma pessoa mais socializável e menos inibida. Tal construção sobre si demonstra como a droga passa a compor uma representação do eu enquanto uma solução. Por essa via podemos identificar um paradoxo no que é visto como um atributo escapista da droga — por vezes, para o sujeito, a droga não produz um escapismo do laço social, mas sim um subterfúgio para fazer parte do laço social apesar do mal-estar vivenciado.

Além da visão de que a droga envolveria uma renúncia da pulsão, também temos a ideia de um acesso direto à pulsão. Nos estudos em psicanálise é comum encontrarmos a ideia de que as drogas possibilitariam uma “estimulação direta da pulsão por meio de artefato químico” (Nogueira Filho, 1999, p. 65); aí também reside a interpretação de que há um curto-circuito possibilitado pela droga (Almeida, 2010; Nogueira Filho, 1999). No entanto, não consideramos o uso de drogas um curto-circuito, mas um circuito curto — e aqui temos de romper com a lógica implícita do circuito pulsional como metáfora de um circuito elétrico. A diferença entre estes dois consiste que no curto-circuito se configura uma pane que impede o funcionamento do circuito de modo geral. Já no circuito curto compreendemos que existe uma satisfação paralela em relação à uma tentativa de sustentação de uma insatisfação que está ali presente.

Para deixarmos mais clara a nossa compreensão, tomemos o próprio Freud como exemplo. Este afirma que, graças ao hábito de fumar, consegue trabalhar por horas a fio, bem como lidar melhor com seu temperamento (Waks, 1998); tal raciocínio também é exposto em seu artigo sobre a coca (1884), onde a substância – cocaína – auxiliaria na disposição para o trabalho intenso. Outro exemplo são as bebidas alcólicas em encontros amorosos onde, na incerteza do desejo do outro, bebe-se com o intuito de não manifestar insegurança de modo a tentar facilitar um caminho para o prazer a dois. Portanto, as substâncias em si não causam curto-circuito algum.

Segundo Lacan (1972-1973/2008, p. 37), “não há nenhuma realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso”; ou seja, só podemos acreditar que há acesso direto à pulsão se isso for sustentado pelo interlocutor por decorrência de uma

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

perspectiva ideológica, ou melhor, se em nada ele problematizar a respeito da necessidade do fármaco e a relação entre seu efeito e a vida de quem o usa.

Por isso não identificamos o uso de drogas enquanto algo colado ao prazer; essa relação passa por uma construção cultural, uma operação significativa que vai permitir que isso seja vivido de um modo para cada um. Um dos maiores exemplos aos quais podemos recorrer — para apontar o necessário descolamento dessa colagem empobrecedora que é a associação breve entre drogas e prazer — é aquela exposta por Howard Becker (2008). A frustração de um candidato a usuário de drogas é uma experiência marcante e constantemente ignorada; é uma narrativa que faz contraponto às intensas emoções e percursos trágicos da dependência e delata que se drogar não é uma experiência tão automática quanto se idealiza. Becker (2008) transcreve diversos relatos de pessoas que tiveram experiências frustrantes ao experimentarem maconha: devido ao terror da proibição, da violência da lei e da condenação moral, a cannabis era experimentada sob a áurea de um tabu, altamente viciante e dotada de grande capacidade de trazer dor e prazer, esperava-se que logo de cara a substância proporcionasse um ‘barato intenso’— sendo, ao final da experiência, um objeto de frustração.

Becker sabiamente assinalou algo constantemente ignorado sobre o uso contínuo — ou mesmo problemático — de substâncias psicoativas; as relações de dependência ou de usos abusivos não se dão por mero encontro químico entre a substância e o corpo, assim como o psiquismo e as relações sociais não estão alheios a essa interação. Ao contrário, obter prazer do uso de uma substância carece de aprendizado e, na maioria das vezes, aprendizado que ocorre entre os semelhantes. É algo extremamente raro alguém provar uma bebida alcoólica pela primeira vez na vida e se encantar com o gosto dessa bebida; aprende-se a lidar e gozar de seus efeitos e, principalmente, localiza-se socialmente a finalidade do uso da substância, assim como as possíveis reações aos seus efeitos.

A partir disso podemos reinserir alguns elementos entre a questão do uso de drogas e o princípio de realidade em psicanálise. A montagem desse princípio condicionará a repetição do uso a uma estabilização dos efeitos, assim como uma associação entre esses efeitos e as situações às quais eles se adequam. No caso de um uso crônico diário, tende a ocorrer um fechamento das possíveis brechas nesse princípio de realidade; condicionam-se as sensações para que a experiência se repita no sentido de produzir uma estabilização frente às possíveis oscilações perante o que se vive. Sendo assim, a necessidade do uso torna-se tirânica.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

O que acreditamos ter passado despercebido, até então, é como se configura um certo princípio de realidade por uma via superegoica, onde a impossibilidade de realização em um circuito pulsional maior fortalece o circuito da satisfação no âmbito da repetição ao recorrer ao que já é conhecido — ou seja, usa-se a droga para sustentar o próprio corpo a todo custo¹³. Nesse raciocínio, a metáfora construída por Lacan acerca do preço do desejo ganha contornos sombrios.

Lacan sustentou que o desejo se paga com uma libra de carne, em referência à peça shakespeariana denominada “O mercador de Veneza” (Shakespeare). O problema é que o modo como nossa cultura opera em relação às drogas faz com que, no modo de sustentar essa dívida, haja uma sobretaxa — fazendo com que, junto da libra de carne, também haja a penhora do caráter e a alienação da possibilidade de fala daquele que recorreu às drogas para poder sustentar uma vida impossível de ser vivida. Por conseguinte, nossa cultura confere àquele que se droga o rótulo de malandro ou mau-caráter, usurpador de satisfações. Atenta-se ao circuito menor, esquece-se do maior, privando do sujeito a dimensão de uma subjacência, ou seja, de identificar os elementos que se encontram negativados, subsumidos pela representação produzida pelo uso crônico. Essa é uma diferença que dependerá da substância utilizada e/ou da classe social do usuário.

O problema a respeito da abertura de vias para que se viva algo além da droga toca no que seria uma satisfação socialmente útil ou inútil. O problema da ideia de uma satisfação socialmente inútil, localizado em uma passagem de “O mal-estar na civilização” (1930/2010), nos remete às formulações acerca do uso de drogas e o comprometimento da capacidade sublimatória, como exposta nos pós freudianos. A questão entre útil e inútil é uma armadilha da qual seria bom evitarmos. O que nos interessa são as possibilidades de agenciamento que podem se articular a partir do desejo, independente se isso se adequará ou não à uma moral produtiva.

A pulsão, é algo mirado diretamente no outro¹⁴; sendo assim, o autoerotismo como um “refúgio num mundo interno” (FREUD, 1930/2010, p. 33), não parte de si para si, mas de um

¹³ O exemplo dessa situação está exposto na condição dos trabalhadores retratados por Engels em seu texto “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” (1845/2010 ed. Boitempo).

¹⁴ Essa definição pode suscitar uma série de apontamentos. Daí que há todo um trabalho a respeito do que é chamado paradigma pulsional” na psicanálise. Parte desse trabalho pode ser acessado na recente obra de Renato Mezan: “O tronco e os ramos” (2014).

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

fracasso vivido no Outro — vale lembrar a respeito do caráter escapista do uso de drogas como uma característica moderna. Portanto, o modo como as drogas figuram no mal-estar na civilização depende de uma equação impossível entre o funcionamento social e a expectativa de alcance da felicidade individual enquanto marca de nosso tempo. Sem qualquer um destes dois elementos, a montagem desta equação, necessária para o uso de drogas de caráter escapista, não se sustenta.

Nessa direção, a teoria psicanalítica e um problema político se encontram: a imanência do desejo frente a algo consumível. Ainda que as substâncias tóxicas pareçam proporcionar um vínculo mais eficaz que a relação com o outro, estas não são suficientes para fazer calar de modo definitivo o mal-estar. Isto que a droga parece substituir não é inteiramente substituível, ou seja, o consumo como resposta ao mal-estar, falha. Em termos freudianos, o que a droga substituiria seria a sexualidade genital. Já a partir do referencial laciano, ela ocuparia o lugar de uma relação com o Outro. O problema se insere, pois, no fato de que não há noção de prazer ou satisfação sem esse Outro — isso se considerarmos que, a rigor, não existe satisfação direta.

Também se faz necessário destacar que o uso de drogas já não é a mesma coisa que a masturbação infantil, ainda que possamos identificar uma aproximação de uma à outra. Parte do problema se imiscui na impossibilidade de que exista qualquer satisfação como objeto de uma necessidade direta, visto que qualquer satisfação almejada requer o vislumbre de sua existência no universo simbólico. Assim, a ligação entre o uso crônico de drogas e a masturbação infantil se faz por uma curva modulada pela relação com terceiros; como a criança que é repreendida pelos pais por uma coceira inapropriada e passa a fazer um jogo entre se coçar na frente e na ausência dos pais — onde já podemos identificar uma espécie de *fort-da* com a alternância da presença e ausência do olhar desse adulto e o ato repetitivo como referente que se cola nessa alternância.

Consideração final

Parte de nossa compreensão sobre a pulsão nos traz a ressalva de que não há satisfação que não envolva contornos. Ao operarmos com a noção de sujeito do inconsciente, partimos

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

de uma perspectiva diferente da enganosa dualidade indivíduo *versus* sociedade. Na medida em que não há essa divisão, não há como existir esta espécie de trapaça onde um indivíduo se satisfaz para não ceder ao social; se ele se satisfaz com algo é porque isso opera em um ordenamento simbólico instituído por esse funcionamento social, mesmo que acredite que esteja trapaceando. Ou seja, o autoerotismo, a rigor, não existe. O que habita aí é um erotismo voltado para o Ideal de Eu, no sentido de preservação de uma imagem por meio do recurso à substância, a qual pode oferecer prazer, mas resiste ao encontro que proporcione uma atualização dessa imagem, de modo a manter um outro que poderia viabilizar essa atualização, preso na posição de espectador da cena. Sendo assim, um terceiro que poderia compor uma relação serve de mero suporte a uma cena que se produz com o intuito de satisfazer a si mesmo.

Por fim, trabalhar com as adições se resume a poder produzir um escape para mecanismos nos quais se acredita preso. Não necessariamente agindo sobre a droga, mas às situações que se articulam para que a droga sirva de suporte da identidade, ou seja, enquanto referente de satisfação. Nessa direção, a questão nos remete a um retorno ao debate entre Freud e Erlenmeyer, é função da prática analítica desarticular a droga da carga moral que a situa enquanto entidade maléfica. O medo e o fascínio diante das substâncias que podem interferir em nossa percepção sobre si e sobre o outro é o medo do irracional, que é a qualificação mais primária que nossa cultura atribuiu ao inconsciente. No limite, não é somente a substância que está sendo demonizada, mas sim o lapso da consciência. É neste ponto fundamental da ética psicanalítica que a questão das drogas não nos permite recuo.

Bibliografia

Almeida, A. R. B. (2010) *Toxicomanias: uma abordagem psicanalítica*. Ed. EDUFBA, Salvador.

Becker, H. (2008) *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar. 2008.

Brasil. (2010) *Campanha nacional de alerta e prevenção ao uso do crack*. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=8m2_57-KUeM.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Carneiro, H. Autonomia e heteronomia nos estados alterados de consciência. In: *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: Ed. EDUFBA, 2008.

Cesarotto, O. (1989) Um affair freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína. São Paulo: Ed. Iluminuras.

Courtwright, D. T. (2001) *Forces Of Habit: Drugs and the making of the modern world*. Havard University Press.

Escohotado, A. (1989/1998) *Historia general de las drogas*. Madrid: Alianza editorial.

Freud, S. (1884/2004) Sobre a coca. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. n. 26.

Freud, S. (1885/1989) Informe sobre a cocaína de Parke. In: Cesarotto (Org.) *Um affair freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína*. São Paulo: Iluminuras.

Freud, S. (1887/1989) Observações sobre o cocainismo e a cocainofobia. In: Cesarotto (Org.) *Um affair freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína*. São Paulo: Iluminuras

Freud, S. (1916/2013) *A pulsão e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Freud, S. (1920/2010) *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1930/2010) *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ferenczi, S. (1911/2008) Le rôle de l'homosexualité dans la pathogénie de la paranoïa. In: *Sur les addictions*. Paris: Ed. Payot & Rivages.

Ferenczi, S. (1912/2008) L'alcool et les nevroses. In: *Sur les addictions*. Paris: Ed. Payot & Rivages.

Gay, P. (1989) *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Glover, E. (1932/1997) *On the aetiology of drug-addiction*. In: *Essential Papers on Addiction*. Nova Iorque: New York University Press, 1997.

Lacan, J. (1972-1973/2008) *O seminário: livro 20, mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Leite, M. P. S. (2001) Toxicomanias e pós-modernidade: um sintoma social? Disponível em: <http://www.marciopeter.com.br/links2/artigos/txtCongrssos/toxicomanias.html> . Acessado em 2014.

Leite, E. F. (2005) Drogas, concepções e imagens: um comentário sobre dependência a partir do modelo usual de prevenção. São Paulo: Ed. Fapesp e Ed. Anna Blume.

Markel, H. (2012) *An anatomy of addiction: Sigmund Freud, William Halsted, and the miracle drug cocaine*. New York: Vintage Books.

Masson, J. M. (1887-1904/1986) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Editora Imago.

Mate, G. (2010) *In the realm of the hungry ghosts: close encounters with addiction*. California: North Atlantic Books.

Melman, C. (1992) *Alcoolismo, delinquencia e toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo. Ed Escuta.

Olivenstein, C. (1985) *Destino do toxicômano*. São Paulo: Ed. Almed.

Platão. (2010) *O Banquete*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

Rabinovich, D. (1989/2004) *Clínica da pulsão: as impulsões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Radó, S. (1933) *The psychoanalysis of pharmacathymia (Drug Addiction)*. In: *Essential papers on addiction*. Nova Iorque: New York University Press, 1997.

Rosa, M. D. (2015) *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento*. Tese de livre docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Santiago, J. (2001) *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Shakespeare, W. (n.d.) *O mercador de Veneza*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000094.pdf>

Simmel, E. (1929). *From psychoanalytical treatment in a Sanatorium*. In: *Essential papers on addiction*. Nova Iorque: New York University Press, 1997.

ALENCAR, Rodrigo (2016). *Cocainismo e cocainofobia: lições da história da psicanálise para a clínica das adições*. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. São Paulo, 2016.

Rui, T. C. (2012) *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Campinas, SP. Tese de doutorado.

Tausk, V. (1915/1991) *On the Psychology of the Alcoholic Occupation Delirium*. In: Roazen, P. (Ed.) *Sexuality, war and schizophrenia*. New Brunswick: Transaction Publishers.

Torossian, S. D. *De qual cura falamos? Relendo conceitos*. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre*, v. 25, p. 09-15, 2004.

Waks, C. E. M. (1998) *Toxicomania e psicanálise: a clínica psicanalítica da toxicomania*. Dissertação de mestrado. PUC – SP.

Zafiropoulos, M. (1996) *L'inconscient toxique: surmoi, dépendances et figures du cauchemar*. In: *L'inconscient toxique*. Zafiropoulos, M.; Condamin, C.; Nicolle, O. [Org.]